

O SUJEITO E O SEU CORPO NO DISCURSO PEDAGÓGICO: ABERTURAS PARA UMA REFLEXÃO EPISTEMOLÓGICA¹

Alita Carvalho Miranda PARAGUASSÚ
Instituto Federal de Goiás
alitaparaguassu@gmail.com

Resumo : O corpo emerge no discurso pedagógico como o elemento material que evidencia a produção ou não de um sujeito moral e disciplinado. A materialidade do corpo permite a localização do sujeito em relação ao outro e aos objetos. Verifica-se que enunciar sobre o corpo a partir de um determinado discurso é enunciar sobre as relações e condutas possíveis dos sujeitos. Em Pêcheux, Bakhtin e Foucault o sujeito é inserido num *jogo do olhar*, em que a visão, a percepção e a materialidade do corpo participam da constituição de uma unidade temporária para os sujeitos. Assim, a corporalidade apresenta a primeira evidência do interior, da consciência e da alma humana. Sujeito e corpo se confundem o tempo todo, embora um não seja sinônimo do outro.

Palavras-chave: corpo; discurso; sujeito.

A normalização dos comportamentos e o disciplinamento dos corpos refletem e refratam o modo como o sujeito contemporâneo se relaciona e valoriza a si próprio e ao outro. Essa estruturação histórica sobre as relações entre os sujeitos não é vista neste trabalho como um poder repressor e metafísico, mas como modelos com os quais os indivíduos se identificam e assumem como seus. Assumir certos discursos e práticas não é apenas se submeter a algo já dado, mas conduzir e governar a si próprio. Estudar a constituição do sujeito-aluno e como os discursos sobre o corpo participam dessa constituição é entender como, na escola, um sujeito aprende a se governar, ser livre e responsável.

1. O que é o corpo?

A fim de entender como o corpo pode ser compreendido a partir das leituras em Pêcheux é necessário retomar as compreensões desse autor sobre o discurso e o sujeito. Ao propor uma teoria materialista do discurso nomeada como *Análise Automática do Discurso*, Pêcheux (GADET; HAK, 1997) pretende analisar o discurso político e encontrar certas regularidades por meio de fórmulas e instrumentos tecnológicos. Desse modo, o discurso é compreendido como uma máquina discursiva ligada a aspectos ideológicos e à hierarquização da sociedade em classes. Para Pêcheux, na década de 1960, (1997, p. 92) “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes” e os sentidos de um discurso, sentidos naturalmente ideológicos, se materializam no material linguístico. Portanto, a ideologia se materializa no discurso e o discurso na linguagem. Nessa perspectiva, é impossível realizar uma verdadeira análise sem a materialização do objeto estudado: o discurso.

Durante o seu percurso teórico, na década de 1970, Pêcheux assume algumas mudanças, admitindo a própria “desconstrução das maquinarias discursivas” (GADET; HAK, 1997, p. 315). No entanto, ele jamais desconsiderou a luta de classes, luta ideológica, como a engrenagem do mundo, mas passa a considerar as ideologias de modo mais amplo e cotidiano.

¹ Trabalho desenvolvido durante o Mestrado em Letras e Linguística, com área de concentração em Estudos Linguísticos, realizado na Universidade Federal de Goiás, em Goiânia.

Para Pêcheux (1997) o sujeito é *sempre-já* sujeito, pois ele se insere em um mundo pré-construído, ideológico e dividido em classes.

O sujeito é sempre constituído por outros sujeitos, ele não é só o que diz de si mesmo, até mesmo porque a origem do que o sujeito diz não está em si, mas é fruto de dizeres vindos de outros lugares e outros sujeitos. Pêcheux (1997) também afirma que o sujeito ideológico não é sempre já-dado, pois durante o seu percurso ocorrem processos de identificação com determinado lugar social, ideológico e assim, discursivo. Citando Althusser, Pêcheux (1997) afirma que um sujeito é aquele do qual pode-se dizer “é ele”, portanto, uma unidade a qual se identifica como tal.

Um sujeito, para Pêcheux (1997, p. 130) seria, por exemplo, um homem “simples e frágil como um belo caniço de pesca ou uma gravura de moda, que se pode segurar pela mão ou apontar com o dedo”. Ou seja, um sujeito é aquele indivíduo que ao ser objetivado, ao ser tornado objeto, pelo outro ou pelo diálogo consigo mesmo, torna-se uma unidade identificável da qual se pode enunciar algo. Nesse ponto posso começar a me indagar o que é o corpo para Pêcheux: a materialidade a qual me permite enxergar e indicar um sujeito, uma unidade humana identificada ideologicamente, socialmente, discursivamente.

O sujeito ideológico, ou seja, aquele que se identifica com uma representação ideológica, é concebido como uma força material e não como uma força abstrata. Para Pêcheux (1997, p.132-133) o sujeito é um ser clivado e articulado em duas figuras: *identificação-unificação do sujeito consigo mesmo* (garantia empírica, eu vejo o que vejo) e *identificação do sujeito com o universal* (garantia especulativa, simulação). Desse modo, ao assumir as duas articulações do sujeito Pêcheux o concebe não apenas como um sujeito no discurso, mas como um sujeito que também é material e empírico.

Ademais, ao falar sobre as Formações Imaginárias, Pêcheux (GADET; HAK, 1997) evidencia o corpo como uma materialidade não apenas empírica, mas discursiva e ideológica que enuncia de um determinado lugar. Para Pêcheux (GADET; HAK, 1997), as Formações Imaginárias compreendem um jogo de imagens, ou seja, um jogo de representações ideológicas. Essas representações constituem-se das imagens que A e B têm do objeto do qual se fala, têm um do outro e têm de si mesmos. Essas imagens não se constituem apenas de percepções localizadas empiricamente, mas de posicionamentos que os sujeitos ocupam no meio social, os quais são construídos no decorrer dos acontecimentos históricos. É antecipando essas imagens que os sujeitos-falantes escolhem as suas estratégias para convencer o outro da imagem que defendem. As imagens dos sujeitos estariam para Pêcheux (GADET; HAK, 1997) postuladas e dadas pelas posições sociais ou papéis assumidos pelos sujeitos em interação.

Desse modo, para Pêcheux (1997, p.160), a ideologia “fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é” um operário, um patrão, um soldado. Evidências que se materializam não apenas no material linguístico, naquilo que é enunciado pelo sujeito-falante, mas também se materializam no corpo, naquilo que é perceptível e aparente, construindo estereótipos. Entretanto, Pêcheux (1997) se esforça para escapar a essa visão homogeneizante de um sujeito evidente e pré-determinado. Ao enunciar sobre a ideologia, Pêcheux (1997) afirma ser impossível que ela se imponha de maneira igual e homogênea à sociedade, assim como é um equívoco atribuir a cada classe a sua ideologia. É de modo heterogêneo que estruturamos o mundo e classificamos os homens:

A esta série vem se juntar a multiplicidade das “técnicas” de gestão social dos indivíduos: marcá-los, identificá-los, classificá-los, compará-los, colocá-los em ordem, em colunas, em tabelas, reuni-los e separá-los segundo critérios definidos, a fim de colocá-los no trabalho, a fim de instruí-los, de fazê-los sonhar ou delirar, de protegê-los e de vigiá-los, de levá-los à guerra e lhes fazer filhos... Este espaço administrativo (jurídico, econômico e

político) apresenta ele também as aparências da coerção lógica disjuntiva: é “impossível” que tal pessoa seja solteira e casada, que tenha diploma e que não o tenha, que esteja trabalhando e que esteja desempregado, que ganhe menos de tanto por mês e que ganhe mais, que seja civil e que seja militar, que tenha sido eleito para tal função e que não o tenha sido, etc... (PÊCHEUX, 2008, p.30 [grifos de Pêcheux]).

Os sujeitos são geridos socialmente e essa gestão se materializa nos discursos e também no corpo. Tomemos aqui as palavras de Le Breton (2010, p.17), “o corpo é atormentado por essa imaginação abundante” e, para esse estudioso, a posição de classe seria uma fórmula geradora de comportamentos e de relações com os instrumentos. O corpo é, desse modo, aprisionado a compleições físicas características de tal e tal agente de uma determinada classe social. Mas o que me interessa nesse momento é compreender que o corpo não é, portanto, visto apenas do ponto de vista biológico, ele é “uma forma moldada pela interação social” (Le BRETON, 2010, p.16, *grifo meu*), conceito-chave em Bakhtin, seja em relações de trabalho ou não.

Na leitura de Bakhtin e das produções de seu Círculo de estudos, Authier-Revuz (1999) insere a noção de dialogismo na Análise de Discurso e usa o conceito de heterogeneidade. Os conceitos de dialogismo e heterogeneidade pressupõem o entendimento da presença constante de um outro, de um contexto sócio-histórico, nos discursos enunciados. Bakhtin (2009) afirma a palavra ou o signo como social, mas também como produto de seu envolvimento com signos interiores, na consciência. Desse modo, o sujeito em Bakhtin se constitui na interação e a interação se dá por meio dos signos, essa postura é assimilada pela AD.

Bakhtin (2009) não se debruça sobre um indivíduo natural isolado. O sujeito que a ele interessa é aquele que se apresenta como a relação entre a infraestrutura e a superestrutura, desse modo, respectivamente, entre o contexto de produção sócio-política e a ideologia sócio-política-histórica. Portanto, um indivíduo é social, constituído por valores e é inserido na história. O mundo entra em contato com esse indivíduo produzindo sentidos.

Segundo Bakhtin (2009, p. 31), “todo corpo físico pode ser percebido como símbolo”, ou seja, todo objeto ou elemento físico pode permitir relações de sentido. É neste ponto que posso enunciar como Bakhtin compreende o corpo, para ele os signos são: ideológicos, têm materialidade e são o veículo da vida interior. Como qualquer outro objeto, o corpo pode ser percebido como signo, pois

[c]ada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. (BAKHTIN, 2009, p.33).

Assim, posso posicionar Bakhtin em uma perspectiva materialista do discurso, da língua, do homem. É por essa perspectiva materialista que ele enuncia o corpo e a palavra sobre o corpo. Enquanto o discurso necessita de um material linguístico e esse material permite o estudo da língua, o corpo é uma das materialidades pelas quais o sujeito torna-se objeto de saber.

Em *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin (2010b) afirma que cada sujeito é um centro individual de responsabilidade ou responsividade, ou seja, cada sujeito responde ao mundo interior e exterior e é responsável pelo modo como responde. Já a consciência é participante e encarnada, portanto, cada sujeito constitui-se de uma unidade articulada entre

consciência e carne, ou seja, entre a consciência e a sua materialidade em contato com o mundo. Além disso, a carne é a matéria flexível pela qual a consciência se movimenta (BAKHTIN, 2009), desse modo, consciência e corpo são uma unidade inseparável no sujeito.

Bakhtin (2010b) apresenta um sujeito ativo e envolvido pelos valores, um sujeito que não pode fugir as suas responsabilidades ou não pode deixar de responder ao mundo. Se isso fosse possível, seria ele algo diferente do humano. Inserido e constituído no mundo e pelo mundo é o sujeito inevitavelmente produto de uma coletividade. Esse sujeito responsivo, que responde ativamente ao mundo, realiza objetivações e subjetivações ao interagir com o outro, tais processos são simultâneos. No momento em que o sujeito objetiva o outro e até separa-se de si mesmo para se objetivar, retorna a si e se subjetiva, assim são colocadas em jogo imagens do “eu-para-mim, o outro-para-mim e eu para-o-outro” (BAKHTIN, 2010b, p. 114). Desse modo, o corpo não é apenas uma matéria que veicula o sujeito, mas uma matéria vista e contemplada pelo outro e pelo eu, portanto, é o próprio corpo um objeto das relações entre os sujeitos. Na interação, o corpo é construído como uma imagem externa e objetiva do sujeito. Por isso, como meu corpo dialoga com o olhar do outro, eu me comunico com os outros corpos.

É justamente nesse campo da visão que posso melhor compreender o corpo e o sujeito. Bakhtin afirma que

[q]uando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua expressão –, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos (BAKHTIN, 2010a, p.21).

Nesse trecho, Bakhtin (2010a) afirma a distância concreta que separa os sujeitos, os sujeitos são cada um uma unidade concreta, material, corporal que reflete e refrata os signos. Essa distância concreta me condiciona a exceder a visão que o outro possui de si mesmo. Aquilo que constitui ou que está por trás do outro, o seu outro, estão em relação tão íntima com ele que é mais visível a mim do que a ele próprio. Corpo e mundo são colocados em relação ativa. É o olhar, não apenas aquele olhar que representa uma perspectiva ou que já é fruto de discursos ou saberes, mas o olhar da própria percepção, da relação entre as pupilas e os outros elementos ligados ao sentido da visão que separa e participa ativamente da construção de mundos diferentes. Assim, o corpo é físico, mas como elemento físico também é objeto de contemplação, sendo a contemplação, para Bakhtin (2010a), um processo ativo, é o corpo objeto de relações de sentido. O corpo é material e discursivo.

A foto a seguir, de uma aula de educação física da década de 50 do século XX, ilustra bem o corpo como objeto de contemplação, como instrumento de disciplinamento e como unidade concreta que unifica os sujeitos e que reflete e refrata os signos. A postura dos corpos na foto, a verticalização e a imitação que as alunas realizam da postura da professora emitem os sentidos de ordem, disciplina, obediência. Não são apenas corpos realizando exercícios físicos, mas corpos que são contemplados, que contemplam, que se interagem de modo a responder o que lhes é pedido: no caso da professora, a instauração da ordem, no caso das alunas, a obediência e a eficiência da postura.

Em Bakhtin, o sujeito é singular e essa singularidade passa pelo corpo. É o corpo aquilo que permite as experiências efetivas e a minha “atitude avaliativa em relação ao objeto” (BAKHTIN, 2010b, p. 85). É o próprio corpo que permite a existência da vida interior

(BAKHTIN, 2009). Segundo Bakhtin (2010a) é a imagem externa, compreendida como os elementos expressivos e falantes do corpo, o elemento pelo qual observo o interior do outro e retorno a mim mesma. Para Bakhtin (2010a), é justamente nesse ponto que se separam a arte e a vida: enquanto na arte, todas as personagens estão revestidas dessa imagem exterior; na vida, o *eu* não se vê externamente. De fato, Bakhtin não está se referindo à incapacidade apenas visual, mas à incapacidade de objetivar a si mesmo como a totalidade de um objeto exterior. Na ilustração abaixo, cada aluna não pode se ver externamente, mas ao contemplar a imagem externa da professora e das colegas, cada aluna pode retornar a si e objetivar-se parcialmente como se fosse exterior a si mesma.



Fernão Dias Pais - 1959 - Educação Física

ILUSTRAÇÃO 1: AUTOR DESCONHECIDO. Demonstração de Educação Física no Colégio Fernão Dias Pais, 1959. Disponível em: <http://portifoliocorp.blogspot.com.br/2011_05_01_archive.html>. Acesso em: 30 Mai. 2012.

Bakhtin enuncia o homem como um ser dotado de emoções e valores que passam pela percepção, pelos sentidos, por fim, pelo desejo em relação à coisa objetivada. Sua singularidade está em assumir o sujeito como dotado da capacidade de organizar o seu interior, mesmo condicionado por relações possíveis entre o seu interior e aquilo que lhe é externo. O domínio da palavra interior e exterior que acompanha os atos, os gestos e as tomadas de consciência do sujeito é nomeado por Bakhtin (2009) de ideologia do cotidiano. Desse modo, mesmo os desejos não são livres de representações compartilhadas coletivamente e cotidianamente. Além disso, Bakhtin afirma que o *eu* não valora o *outro* do mesmo modo como rende valores a si. O *outro* não é visualizado como um outro *eu*.

Todas as minhas reações volitivo-emocionais, que apreendem e organizam a expressividade externa do outro – admiração, amor, ternura, piedade, inimizade, ódio, etc. –, estão orientadas para o mundo adiante de mim; não se aplicam diretamente a mim mesmo na forma em que eu me vivencio de dentro; eu organizo meu *eu* interior – que tem vontade, ama, sente, vê, e conhece – de dentro, em categorias de valores totalmente diferentes e que

não se aplicam de modo imediato à minha expressividade externa. (BAKHTIN, 2010a, p. 28).

Para Bakhtin, o que é produzido pelo homem se relaciona a algo que já foi produzido e se relaciona ainda no momento de sua constituição com aquilo que virá. Essa relação não é apenas situacional, mas também envolve a memória. O homem e os seus produtos só podem ser compreendidos numa rede complexa e descontínua de afirmações, perguntas, respostas. Para Bakhtin (2009/2010a/2010b), o homem é um ser responsivo, ou seja, ele só é humano na interação com os outros, essa interação o lança em uma rede de verdades as quais já foram produzidas e estabilizadas na história e verdades que aí irrompem permitindo novas respostas para o contato do homem com o mundo e suas inquietações.

Embora as leituras em Bakhtin permitam certas afirmações sobre a relação entre o corpo e o sujeito, não há dúvida de que Foucault é aquele entre os estudiosos supracitados que fornece mais subsídios para essa pesquisa, pois foi quem mais se dedicou a explicações sobre o corpo e buscou entendê-lo como parte da constituição do sujeito. Segundo Le Breton (2010), Foucault estuda o controle político sobre o corpo como algo que se exerça de forma difusa, organizando o espaço e o tempo de maneira detalhada. Entretanto, o controle sobre o corpo não é compreendido por Foucault pela perspectiva de um controle negativo e repressor, pois o corpo e os discursos sobre ele participam das resistências e possibilitam ao sujeito se constituir ativamente.

Foucault (1995) organiza seus escritos em três fases, as quais representam diferentes modos de produção das subjetividades: ser-saber, o sujeito é concebido como objeto dos saberes; ser-poder, o sujeito é objeto das relações de poder e ser-consigo, o sujeito se reconhece como sujeito. As diferentes perspectivas pelas quais se concebe o sujeito representam concepções diversas também sobre o corpo. Para Corbin (2010), Foucault concebe o corpo como alvo do poder, sendo normalizado, corrigido; correção a qual também conduz a consciência à sua normalização, ou seja, à mediana a ser seguida pelos sujeitos ideais. Em Foucault, encontra-se explicitado o jogo entre a coação e a liberdade: as apreensões sobre o corpo se dão de modo sutil e ininterrupto, diferentemente das práticas de violência no início da modernidade. Segundo Vigarello (2010), é essa ambiguidade compreendida por Foucault entre a sujeição e a libertação que especifica a concepção moderna de corpo.

Em Cardim (2009), estudioso que analisa as concepções do corpo durante o desenvolvimento das teorias filosóficas, os estudos de Foucault são ressaltados por não ocultarem o caráter histórico do corpo: as suas representações são dissimuladas no decorrer dos tempos de acordo com as necessidades políticas e econômicas. Para Foucault, até o século XVIII, o corpo legitimava o poder absoluto do soberano, e sobre ele se exercia brutalmente tal poder, por meio de castigos corporais. O suplício era o espetáculo do sofrimento, que tirava a vida ou deixava marcas no corpo do súdito castigado e na memória do reinado. A partir do século XIX desenvolve-se um gerenciamento jurídico sobre os corpos dos condenados, barrando os espetáculos de violência.

Ainda citado por Cardim (2009), Foucault afirma que, com o desenvolvimento da economia industrial, o corpo passa a ser visado ou concebido como peça fundamental para a evolução do capitalismo, o sujeito deveria ser transformado em útil e dócil: força útil de trabalho e força inerte de resistência política. Assim, no final do século XVIII, surge um novo conceito da modernidade: a população. Os Estados deveriam alcançar não apenas os corpos individuais, mas gerir e organizar a população por meio de estatísticas e políticas sanitárias. Surge com isso uma nova consciência do corpo: um corpo coletivo com inúmeras cabeças em uma relação de causa e consequência. É necessário cuidar das moléstias da população para que o indivíduo não seja uma força inútil.

Cardim (2009) não desconsidera o fato de que na filosofia de Foucault há uma abertura para a compreensão do corpo ou de seu interior como o lugar de onde devem surgir as resistências, no entanto, para esse autor, é o caráter do corpo passivo e reprimido que aparece em destaque ao se falar em Foucault e as suas considerações sobre o corpo. Importa-me ressaltar por ora que a concepção de corpo em Foucault não se restringe a um invólucro passivo e domesticado.

O corpo não é um elemento apreendido de forma imediata e transparente pela visão do sujeito, nem é um enigma a ser desvendado. A própria visão se constitui um ato sobre o corpo e deforma os dizeres sobre ele. Certamente as roupas, o corte de cabelo, e todas as demais materialidades do corpo e sobre o corpo são visíveis àquele que vê, no entanto, em uma análise objetiva-se tornar visível não a evidência material, mas as condições de existência da materialidade discursiva. Não a origem do ser humano, a origem de seu corpo biológico, mas as relações entre os mundos interior e exterior as quais constituem o corpo e o sujeito historicamente. Apesar de o corpo ou a imagem externa ser aquilo que imediatamente diferencia um sujeito e o posiciona, a imagem externa é mutável e não é evidente, pois está sempre em relação de alteridade (BAKHTIN, 2010a).

Para Foucault o sujeito está em relação ao saber, ao poder e a si mesmo. Do mesmo modo é o corpo, pois o corpo possibilita estar em relação e é condicionado pelas relações. Segundo Veiga-Neto (2007), habitualmente os estudos de Foucault são organizados em três fases: arqueológica, genealógica e ética ou arqueogenealógica, no entanto, *os escritos de Foucault mais do que se organizarem de forma sequencial quanto ao método, se acumulam sobre a compreensão das relações possíveis ao sujeito*. Desse modo, Veiga-Neto (2007) propõe que a obra de Foucault seja organizada pela relação do sujeito com o saber (ser-saber), pela ação dos sujeitos uns sobre os outros (ser-poder) e pela ação do sujeito sobre si próprio (ser-consigo). Seguindo essa organização cumulativa é que o corpo é compreendido neste trabalho, nos processos de objetivação e subjetivação do sujeito-disciplinado, pois segundo Foucault (2010b) é sobre os corpos que as relações e as ações se exercem, e são assim os corpos constituídos em sujeitos.

2. Tornar-se sujeito: o corpo entre a objetivação e a subjetivação

Compreender como o corpo participa da constituição de um sujeito é um dos objetivos deste trabalho. Não o corpo como sistema biológico, nem como um elemento político, mas visto como a massa corporal que carrega não apenas um arcabouço feito de ossos, músculos, órgãos e pele, mas um arcabouço de saberes históricos os quais o tomam como objeto e dizem o que é o corpo e qual a minha relação com ele. O corpo como materialidade discursiva que permite o reconhecimento do outro e de mim. Neste capítulo o corpo é tomado como elemento por meio do qual os sujeitos são constituídos a partir de processos de objetivação e subjetivação.

Portanto, os movimentos do corpo e conseqüentemente do sujeito em direção ao que lhe é exterior ou em direção a si mesmo são constituídos discursivamente. Isso ocorre, pois há saberes históricos que prescrevem as relações possíveis, mas esses saberes também são constituídos pela experiência material e empírica que o próprio corpo e o sujeito possuem de tais relações. Essa experiência material permite ao sujeito conhecer a si, tornar-se objeto para si e enunciar sobre si mesmo, o que permite a ele experienciar e pensar sobre a relação de si próprio com o mundo. O movimento do corpo não é apenas o movimento de um organismo biológico ou de uma mecânica corporal que me permite atravessar o tempo e o espaço posicionando-me e projetando-me em direção ao mundo. Desse modo, o corpo não se separa de uma visão de mundo, é ele mesmo objeto de uma visão de mundo como é ele mesmo a possibilidade de me situar no mundo e vê-lo perspectivamente desse lugar que me situa.

Compreendendo a ambiguidade do corpo, parto agora para a análise da participação do corpo: biológico e histórico, material e discursivo, nos processos de objetivação e subjetivação do sujeito-disciplinado, segundo Foucault. Não apenas o corpo como carne possibilita a existência de tal sujeito, como também as concepções sobre o corpo e sua relação com o conhecimento, com o discurso pedagógico e com as funções da escola participam também da constituição dessa posição-sujeito.

Em “O sujeito e o poder” Foucault (1995) enuncia sobre o objetivo de seus estudos: “criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos. Meu trabalho lidou com três *modos de objetivação* que transformam os seres humanos em sujeitos” (FOUCAULT, 1995, p. 231, grifo meu). A partir desse excerto devo salientar três pontos fundamentais da compreensão de Foucault acerca do sujeito. Quando Foucault (1995) afirma que o seu objetivo é o de *criar* uma história, ele confirma o conceito de história como um tempo que é organizado e retomado pelos sujeitos. Desse modo, a percepção de uma história só é possível pelo entendimento de que ela não é um relato que pode ser retomado como efetivamente verdadeiro. Entendemos que o sujeito possui uma visão discursiva sobre a história, visão a qual reflete e refrata o próprio tempo.

Logo adiante, Foucault (1995) afirma que os seres humanos tornam-se sujeitos muito novos, com isso, entende-se que ao nascer o ser humano já é sujeito, porque está envolto por condições históricas e situacionais das quais participam e continuarão participando ao longo de sua vida. Mesmo antes de nascer, a criança já é um filho, já possui um nome, um gênero, até mesmo uma profissão. Assim, ser sujeito é mais do que ser um humano com as suas capacidades e habilidades, ser sujeito é estar envolto e constituir-se por discursos os quais o identificam ou não com determinados modelos dispersos na malha social. É impossível não ser sujeito, qualquer ser humano está sujeito às margens discursivas que lhe cercam.

O terceiro ponto é aquele que estabelece como objeto para Foucault (1995) os *modos de objetivação*, que *transformam os seres humanos em sujeitos*. Portanto, seu objeto são os modos pelos quais um ser humano torna-se objeto, é contemplado, é observado, é manuseado, é enunciado. Assim, mesmo que haja uma diferença entre os conceitos de objetivação e subjetivação, retomando a compreensão da relação entre o objeto e o sujeito, quando Foucault enuncia sobre a subjetivação e a capacidade que o sujeito possui de governar a si próprio (FOUCAULT, 2010a) ele também fala sobre um modo de objetivação, pois governar a si é tornar-se objeto para si próprio.

Ao falar sobre o sujeito, Foucault (2009a) enuncia sobre o lugar ocupado pelo sujeito como aquele que determina o *status* do indivíduo em uma sociedade, ou seja, em relação ao conjunto de indivíduos no qual ele está inserido. Um médico pode falar sobre a eficácia de um antibiótico contra um tipo de bactéria porque em relação ao seu paciente e a toda a sociedade ele possui os saberes especializados sobre esse assunto. Do seu lugar, lhe é autorizado enunciar sobre certos objetos e não outros, justamente porque sempre se enuncia de um lugar específico envolto por saberes locais. A constituição de um sujeito, ou seja, a posição ocupada pelo indivíduo em determinado espaço, tempo e situação é apenas possível em relação à outra ou a outras posições de sujeito.

Esse exterior ao sujeito que o constitui e o delimita indica a alteridade constituinte das posições de sujeito. Para Foucault (2009a), estudar os sujeitos e a dispersão de saberes dos quais eles enunciam não objetiva revelar qual o traço distintivo de um sujeito, e em quem ele se tornará no futuro, mas sim, compreender que os discursos, a história e os outros sujeitos revelam a dispersão exterior e interior dos indivíduos, os quais ocupam diferentes posições de sujeito e enunciam de lugares diferentes, de modos diferentes, de tempos diferentes. Assim, Foucault (2009a, p. 149) afirma “que nossa razão é a diferença dos discursos, nossa história a diferença dos tempos, nosso eu a diferença das máscaras”, pois é a relação entre o *eu* e o *outro* aquela que objetiva e subjetiva os indivíduos em sujeitos.

De modo semelhante, ao refletir sobre as relações entre o sujeito e o objeto, ou entre o organismo e o mundo, Bakhtin (2010b, p.96) compreende que “eu também sou participante no existir de modo singular e irrepitível, e eu ocupo no existir singular um lugar único, irrepitível, insubstituível e impenetrável da parte de um outro”. Desse modo, apesar de um tempo histórico que constitui o sujeito, é no tempo presente, o qual não deixa de ser histórico, que os discursos, a história e os outros sujeitos estão em relação a mim no momento em que ocupo uma determinada posição de sujeito. Segundo Bakhtin (2010b), as próprias emoções de um ser concreto são transformadas a partir do lugar no qual ele se localiza, quanto mais os discursos que constituem o sujeito.

Portanto, é pelo jogo do olhar (FOUCAULT, 2007b) ou pelas possibilidades de percepção, que um ser humano torna-se sujeito, pois é pela relação com o exterior que ele se singulariza e subjetiva-se em relação aos demais. Ao falar sobre a disciplina, relação de poder que se exerce sobre os sujeitos e os seus corpos a fim de fabricar indivíduos para uma sociedade específica, Foucault (2007b) enuncia sobre a vigilância como uma prática indispensável para o controle dos sujeitos e de seus corpos. É pela vigilância que a multiplicidade humana pode ser organizada: pela vigilância o corpo é detalhado e cuidado; pela vigilância a população é gerida; pela vigilância um sujeito governa os outros e a si mesmo. Pela vigilância um sujeito-aluno identifica-se e cumpre certos hábitos e não outros.

Para Bakhtin (2010a), é também por aquilo que o olhar percebe que o mundo exterior é construído. Em contato com o mundo exterior, através de um corpo, o sujeito retorna a si mesmo e vivencia o exterior através de sua própria consciência, “consciência do contemplador” (Bakhtin, 2010a, p.24). Desse modo, para Bakhtin a compreensão da objetivação e da subjetivação se localiza no entendimento das relações dialógicas entre os sujeitos. Pois nesse processo de interação ou objetivação, o indivíduo que observa e que vê transita entre o seu interior e o exterior, essa transição possibilita a existência no sujeito que contempla uma visão excedente:

Esse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstitutibilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim. [...] Porém, esse mundo único do conhecimento não pode ser percebido como o único todo concreto, preenchido pela diversidade de qualidade da existência, da mesma forma como percebemos uma paisagem, uma cena dramática, um edifício etc., pois a percepção efetiva de um todo concreto pressupõe o lugar plenamente definido do contemplador, sua singularidade e possibilidade de encarnação; o mundo do conhecimento e cada um de seus elementos só podem ser supostos (BAKHTIN, 2010a, p. 21-22).

A localização do sujeito no tempo e no espaço, localização que é discursiva, mas também carnal, possibilita a subjetivação do ser humano. Essa localização ou posicionamento do sujeito é discursiva porque as posições exercidas por um sujeito em uma sociedade são posições construídas historicamente, a partir de determinados saberes e esferas sociais, perpetuadas e transformadas por aquilo que foi efetivamente enunciado na sociedade. Também é carnal, pois é através da imagem externa do outro que ao sujeito é permitido o seu movimento de extra-localização em relação ao outro. No entanto, a própria imagem externa do sujeito é discursiva quando contemplada por outro sujeito ou pelo próprio sujeito interior. Ao tornar o corpo objeto ele deixa de ser apenas um elemento do mundo material para tornar-se um objeto de saber do qual se enunciam valores e sentidos.

[...] longe do corpo ter de ser apagado, trata-se de fazê-lo aparecer numa análise em que o biológico e o histórico não constituam sequência, como no evolucionismo dos antigos sociólogos, mas se liguem de acordo com uma complexidade crescente à medida em que se desenvolvam as tecnologias modernas de poder que tomam por alvo a vida. Não uma “história das mentalidades”, portanto, que só leve em conta os corpos pela maneira como foram percebidos ou receberam sentido e valor; mas “história dos corpos” e da maneira como se investiu sobre o que neles há de mais material, de mais vivo (FOUCAULT, 2007a, p.165).

Durante o seu percurso, o sujeito é perpassado por histórias que lhe permitem identificar-se com certos saberes ou mesmo reconstruir saberes sobre os objetos, entre eles o ser humano. Ao passo em que o ser é sujeito do conhecimento ele é sujeito ao conhecimento. O próprio sujeito é produzido pelas relações entre os saberes. Durante a passagem do sujeito no tempo ele entra em contato com instrumentos, técnicas, teorias, formas de enunciação, narrativas, objetos, conceitos os quais constituem a maneira como ele se relaciona e se movimenta no mundo, seja em relação aos outros ou a si próprio. Um sujeito fala a partir de um saber, assim, o saber posiciona o sujeito em relação aos objetos sobre os quais ele enuncia.

Para Foucault (2009a), um saber não precisa necessariamente consolidar-se como uma ciência, mas o modo como ele se estrutura possibilita tal consolidação. Um saber se define como um espaço no qual o sujeito toma posição para falar de determinados objetos, como um campo de organização de enunciados os quais fazem aparecer conceitos específicos e é também definido por determinadas possibilidades de utilização. Portanto, o sujeito não assume uma posição apenas por estar situado em um contexto imediato e perceptivo, mas por constituir-se de uma historicidade a qual lhe permite um acúmulo de informações e o exercício de certas funções.

As posições do sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos: ele é sujeito que questiona, segundo uma certa grade de interrogações explícitas ou não, e que ouve, segundo um certo programa de informação; é sujeito que observa, segundo um quadro de traços característicos, e que anota, segundo um tipo descritivo; está situado a uma distância perceptiva ótica cujos limites demarcam a parcela de informação pertinente; utiliza intermediários instrumentos que modificam a escala da informação, deslocam o sujeito em relação ao nível perceptivo médio ou imediato, asseguram sua passagem de um nível superficial a um nível profundo, o fazem circular no espaço interior do corpo – dos sintomas manifestos aos órgãos, dos órgãos aos tecidos e dos tecidos, finalmente, às células. A essas situações perceptivas é preciso somar as posições que o sujeito pode ocupar na rede de informações (no ensino teórico ou na pedagogia hospitalar; no sistema da comunicação oral ou da documentação escrita: como emissor e receptor de observações, de relatórios, de dados estatísticos, de proposições teóricas gerais, de projetos ou de decisões) (FOUCAULT, 2009a, p.58).

No excerto acima, ao falar sobre a posição de sujeito de um médico, Foucault (2009a) não nega a participação do corpo e de suas habilidades perceptivas para o posicionamento do sujeito em relação aos objetos e demais sujeitos que o cercam, entretanto, afirma as próprias ações perceptivas como situacionais e localizadas no saber do qual o sujeito enuncia. O sujeito ouve, observa, enxerga, toca não apenas a partir de um espaço situacional e concreto, mas de uma função que pode ser ocupada por outro indivíduo na rede de informações. A própria função de professor, ocupada por um indivíduo, transforma as relações perceptivas de

seu corpo com o mundo: uma sala de aula não é percebida por um aluno do mesmo modo como é percebida por um professor, e essa diferença se inicia na localização dos corpos nesse espaço, localização permitida por saberes históricos os quais constituem as distinções entre um indivíduo que exerce a função de professor e um indivíduo que exerce a função de aluno. Esses saberes históricos os quais constituem as posições a serem ocupadas pelos sujeitos constituem também a maneira como os corpos se movimentam e entram em relação com o que lhe é exterior.

As ações do sujeito em busca de conhecer o que está fora de si não são simplesmente comandadas pela sensibilidade do corpo, mas a própria sensibilidade do corpo é comandada por hábitos e exigências sociais (FOUCAULT, 2010c). O corpo não é apenas matéria, mas ele é o quê e como se enuncia sobre ele. O conhecimento não se limita ao toque do sensível, é necessário para conhecer e saber um processo de abstração e objetivação do outro. Conhecer o exterior como um objeto é inicialmente posicionar-se a partir de um saber, de um acúmulo de informações, de um conjunto de enunciados, de conceitos específicos sobre outros objetos que podem estar em relação ao objeto estudado, sem anulá-lo. Assim, o saber situa o sujeito no tempo e no espaço, ou seja, situa o sujeito em relação às histórias que o constituem, aos objetos e sujeitos que o cercam e em relação ao seu corpo.

Na ilustração 2, é feita uma analogia com a imagem da teoria evolucionista do homem, por meio da intertextualidade, em que um macaco passa por etapas de evolução as quais se encerram no *Homo Sapiens*, ou seja, naquele que sabe. Nessa charge, há inicialmente uma criança descalça, raquítica, sem vestimentas para todo o corpo e debruçada sobre os próprios joelhos como alguém que chora. A seguir, essa criança adquire um livro, para apanhá-lo necessita se levantar e mudar, portanto, a sua postura corporal. A terceira imagem contida na charge ilustra uma criança completamente vestida, lendo um livro e andando a passos pequenos. Logo, a criança aumenta a largura de seus passos, em vez de uma bermuda veste uma calça e seu corpo caminha de forma ereta.

O último estágio da evolução é representado por um homem, bem vestido, com o livro fechado nas mãos, a postura totalmente vertical e ereta. No entanto, sem caminhar para frente ou para trás, ou seja, esse homem é aquele que sabe, que lê, que conhece: o *Homo Sapiens*, imóvel, estabilizado. Assim, para a formação de um sujeito ideal, civilizado e disciplinado o sujeito deve ser constituído por saberes não apenas locais, mas institucionais, e o seu corpo deve passar pelas mudanças necessárias de modo que ele, em suas posturas, gestos, movimentos, ações, expresse o grau de civilidade, disciplina e controle do sujeito idealizado pela sociedade. O instrumento que garante o grau de civilidade do homem (o livro) é mantido acima da cintura até que seja superado pelo homem ao final de seu estágio de evolução.

A imagem do escolar que se torna adulto infere a concepção da escola, ou o contato com os livros, como o lugar de produção do sujeito educado moderno. A relação entre a ação do sujeito e os saberes constitui o sujeito civilizado e moral. Tal produção é possível por meio da disciplinarização e normalização do corpo, esse sujeito está preparado para utilizar os instrumentos necessários ao conhecimento e à boa formação: os livros. Tanto o homem civilizado e educado quanto o *Homo Sapiens* são investidos, portanto, de saberes sobre o corpo, a postura e a relação do corpo com os instrumentos, sejam armas para a sobrevivência ou livros para agir cognitivamente, a fim de que um sujeito ideal seja produzido.

Segundo Oliveira (2006), a história da educação brasileira afirma o discurso sobre o corpo como participante e constitutivo do pensamento pedagógico brasileiro. Para Oliveira (2006), a história estabelece, assim como na ilustração 2, que a aproximação do sujeito aos saberes institucionalizados na escola exige uma disciplina corporal, um controle do corpo, ou seja, um distanciamento de sua relação natural e rústica com o meio, garantindo a efetiva escolarização e civilização do sujeito. A ilustração 2, apesar de ser datada nos anos 2000, retoma o ideário escolanovista de uma educação que deve ser moral, cívica e corporal. O

próprio Ministério da Educação criado em 1930 é criado como Ministério da Educação e Saúde Pública.



ILUSTRAÇÃO 2: RIOS. Evolução: a solução está na educação.
Disponível em: <<http://educacaoes.blogspot.com.br/2010/03/solucao-esta-na-educacao.html>>
Acesso em: Mai. 2012.

Segundo Veiga-Neto (2007), para Foucault o sujeito não é a origem dos saberes, ao contrário de ser o produtor ele é um produto dos saberes. Por isso, ao falar sobre a alteridade, Foucault (2010c, p.183) a define como um jogo de comparações objetivas, as quais permitem que a distinção entre um louco e um são seja evidente no próprio espaço exterior, não porque a imagem externa do louco seja evidente por si mesma, mas porque historicamente constrói-se um saber sobre o louco. Desse modo, o sujeito não é apenas um “ser vivo que tem a forma bem particular” (FOUCAULT, 2002), o sujeito é constituído na dispersão de saberes que envolvem a sua existência. Um sujeito constitui-se em meio a ruas, utensílios, cômodos, placas, bons costumes, etiquetas, doenças, vacinas, assim, é fácil diferenciar um sujeito civilizado de um bárbaro, diferenciar aquele que detém um saber institucionalizado daquele que o não detém. Por certo, os saberes não atingem o sujeito apenas em seu caráter de posição da qual se enuncia, mas acaba por atravessar o corpo e sua relação com o mundo.

Conforme Veiga-Neto (2007), o saber funciona como uma correia transmissora do poder naturalizando-o; todos os sujeitos participam dentro das relações de poder. E “é justamente no discurso que vêm a se articular poder e saber” (FOUCAULT, 2007a, p. 111). Segundo Foucault (2007a), há uma multiplicidade de elementos discursivos os quais funcionam em estratégias diferentes; há uma dispersão de discursos sendo distribuídos em enunciações diferentes, contextos institucionais diferentes, posições de sujeito diferentes. Os discursos nem existem apenas a favor do poder ou em oposição a ele, eles podem tanto veicular o poder como miná-lo. O discurso não apenas reduplica as representações que já estão na memória, mas exprime o querer, a força, a vontade do sujeito que enuncia (FOUCAULT, 2002).

Desse modo, os sujeitos estão constantemente inseridos em relações de força e possuem vontade de exercer a sua ação sobre a ação dos outros. Agindo sobre o outro, inevitavelmente, se age também sobre o corpo, visto que o exercício do poder é corporal e material. Inserido nessas relações de poder-saber, o corpo é educado, é culturalizado e deixa de ser concebido apenas como uma matéria biológica e fisiológica. No espaço escolar, o

corpo humano é investido pelas relações de poder-saber e é conferido a ele o caráter de elemento participante dos processos de objetivação e subjetivação do sujeito, pois pelo corpo as relações de poder-saber atingem diretamente o sujeito.

Dias depois, vi chegar um rapazinho seguro por dois homens. Resistia, debatia-se, mordida, agarrava-se à porta e urrava, feroz. Entrou aos arrancos, e se conseguia soltar-se, tentava ganhar a calçada. Foi difícil subjugar o bicho brabo, sentá-lo, imobilizá-lo. O garoto caiu num choro largo. Examinei-o com espanto, desprezo e inveja. Não me seria possível espernear, berrar daquele jeito, exibir força, escoicear, utilizar os dentes, cuspir nas pessoas, espumante e selvagem. Tinham-me domado. Na civilização e na fraqueza, ia para onde me impeliam, muito dócil, muito leve, como os pedaços da carta de ABC, triturados, soltos no ar (RAMOS, 1981, p.117).

Esse excerto do romance memorialista *Infância*, de Graciliano Ramos, escrito na década de 1940, procura reviver acontecimentos, grande parte deles no espaço escolar, ocorridos durante o fim do Império e a instauração da República no Brasil. Procurando formar o sujeito ideal do qual o país necessitava no momento, a escola era concebida como o lugar onde o indivíduo distancia-se de sua natureza instintiva e constitui-se em sujeito, sendo investido por hábitos, por normas e saberes. O processo de escolarização se efetiva quando um sujeito torna-se civilizado, disciplinado (OLIVEIRA, 2006), não apenas fisicamente, mas moralmente. O novo aluno é retratado no excerto acima como um animal selvagem: urra, berra, espuma, dá coices e tritura a cartilha de ABC. É necessário diminuir a sua força de resistência, “sentá-lo, imobilizá-lo”, corrigi-lo. No ambiente escolar, circula o discurso de que a aproximação do sujeito-escolar aos saberes só é possível mediante uma disciplina corporal.

“O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’ [...] as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais” (FOUCAULT, 2007b, p.143). Assim, a disciplina é exercida sobre um corpo, como o do aluno no excerto de *Infância*, a fim de que o sujeito seja conduzido à determinada ação exigida pela norma a ser seguida. Imobilizar o corpo não é apagá-lo, é moldá-lo de modo que o sujeito que nele habita funcione como objeto (objetivação) e como instrumento do exercício da disciplina (subjetivação). O sujeito ideal desse período não é o sujeito em seu estado natural, mas um sujeito encaixado às engrenagens de uma máquina. Sujeito, capacitado para realizar determinados exercícios e por meio do conhecimento “da carta de ABC” ser inserido no corpo social. Longe de apagar os sujeitos, a disciplina os produz e os insere na multiplicidade humana.

Assim como Foucault compreende as relações do sujeito com o saber e com o poder como relações não independentes, a relação do sujeito consigo também funciona nos processos de subjetivação simultaneamente aos processos de objetivação possibilitados pelas relações de saber e poder (VEIGA-NETO, 2007). Subjetivação e objetivação são processos inseparáveis. Do mesmo modo, ao se subjetivar o sujeito não está apenas em relação consigo, mas em relação às ações dos outros sujeitos e aos saberes que o tomam como objeto. Em seus últimos estudos Foucault assume como objetivo compreender as técnicas ou tecnologias utilizadas pelos homens para entenderem a si mesmos. Foucault categoriza essas tecnologias em quatro tipos:

- 1) tecnologias de produção, que nos permitem produzir, transformar ou manipular coisas;
- 2) tecnologias de sistemas de signos, que nos permitem utilizar signos, sentidos, símbolos ou significações;
- 3) tecnologias de poder, que determinam a conduta dos indivíduos, os submetem a certo tipo de fins ou de dominação, e consistem em uma objetivação do sujeito;
- 4) tecnologias de si, que permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda

de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, condutas, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade (FOUCAULT, 1990, p.2) [tradução minha].²

A cantiga a seguir, utilizada no ambiente escolar, exemplifica e complementa a compreensão da subjetivação do indivíduo em ser moral através das práticas corporais:

Eu lavo minhas mãozinhas
 Na horinha de comer
 E depois escovo os dentes
 Para não apodrecer
 Corto sempre minhas unhas
Sou sadio e com razão
Pois adoro tomar banho
 Com boa bucha e sabão
 Ai, ai, ai
 Como é bom andar limpinho
 Com a roupa bem passada
 E os cabelos penteadinhos
 Ai, ai, ai... [grifo meu]³

Assim, o corpo não é discursivizado como pertencente ao Estado, à escola, ao mercado, aos pais, o corpo é propriedade do indivíduo que nele habita e por isso, torna-se por ele responsável e cuidador. Portanto, tais práticas escolares participam da constituição de um sujeito racional, o qual, segundo Foucault (2009c), se caracteriza por fixar para o corpo um regime determinado pelo próprio corpo, cuidando das necessidades fisiológicas e não se deixando dominar pelas emoções e desejos que contrariem as disposições naturais. O sujeito que domina bem o próprio corpo o faz por conduzir a sua própria moral. Um sujeito não se subjetiva como um sujeito moral, idealizado pelos discursos sociais, apenas por sofrer coerções exteriores, mas por agir sobre as suas próprias ações.

Segundo Foucault (2010a, p.137), as normas de higiene as quais atravessam a vida cotidiana, e estão materializadas na cantiga acima, mais do que constituírem-se como um conjunto de precauções contra possíveis doenças, definem o modo de constituição de um sujeito “que tem por seu corpo o cuidado justo, necessário e suficiente”, tornando as ações mais habituais entre o corpo e os elementos que o cercam em questões de moral e saúde, as quais propiciam a conduta de um indivíduo racional que se volta para si mesmo, se autocontrolando: “sou sadio e com razão”. Um sujeito racional e autônomo, que embora seja uma criança “não necessita” dos cuidados da mãe ou de uma professora sobre o seu corpo, pois ele já aprendeu a cuidar e controlar a si mesmo. Ele possui uma liberdade sobre o corpo e essa liberdade não é utilizada para transgredir a norma, mas para *subjetivar a norma e se assumir como sujeito moral*, responsável, educado, sadio: um aluno exemplar.

Colocando-se como objeto a se conhecer ou como sujeito a ser governado, esse sujeito disciplinado e moral afirma para si e para os outros, ao medir e controlar a sua mobilidade

²1) tecnologías de producción, que nos permiten producir, transformar o manipular cosas; 2) tecnologías de sistemas de signos, que nos permiten utilizar signos, sentidos, símbolos o significaciones; 3) tecnologías de poder, que determinan la conducta de los individuos, los someten a cierto tipo defines o de dominación, y consisten en una objetivación del sujeto; 4) tecnologías del yo, que permiten a los individuos efectuar, por cuenta propia o con la ayuda de otros, cierto número de operaciones sobre su cuerpo y su alma, pensamientos, conducta, o cualquier forma de ser, obteniendo así una transformación de si mismos con el fin de alcanzar cierto estado de felicidad, pureza, sabiduría o inmortalidad (FOUCAULT, 1990, p.2).

³Disponível em: <http://cantinhoespecialdatiacris.blogspot.com.br/2010_05_20_archive.html>. Acesso em: 20. Jun. de 2012.

(FOUCAULT, 2010c), os seus gestos, comportamentos, hábitos, ser sujeito soberano de si. O sujeito disciplinado não existe para si e para os outros como uma ilusão ou uma representação, mas por meio da percepção ele é um ser único e concreto de quem se pode dizer algo, tornado objeto. A percepção de um sujeito ou a minha experiência com o outro são limitadas pela presença de um tempo que estrutura os acontecimentos, as interações, os sentimentos, as afirmações sobre mim e o outro. Embora cada levantar-se da cadeira, posicionar-se na fila, mostrar as unhas, esconder-se da diretora, brincar de roda emitam a ilusão de ser um momento único e originário, a continuidade dos saberes, das verdades, das normas é percebida desde a mobilidade dos corpos.

Considerações finais

A relação infinita entre as dicotomias interior e exterior concebem o corpo, ou qualquer outra materialidade, como realidade que significa somente pela interação entre os sujeitos e entre os discursos que os identificam. Pela possibilidade da *palavra* e do *corpo* os homens estão em constante interação e são seres sociais, é por causa das heterogeneidades dos sujeitos que os discursos são tão vastos, que os sujeitos são opacos, que os corpos falam, que se fala sobre o corpo. Não é a língua ou a linguagem o foco da compreensão sobre o corpo a partir da Análise de Discurso, mas a transformação do homem em sujeito. Estudar sobre as concepções de corpo que atuam no discurso pedagógico é buscar compreender como a vida se forma e é gerida, como é possível se conduzir. O retorno ao que os sujeitos têm de mais concreto, a incidência de discursos sobre o corpo, permite refletir sobre o que tenho de mais infinito: a alma.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. Dialogismo e divulgação científica. In: AUTHIER-REVUZ, J. *Rua*: revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Número 5, p.9-15. Campinas, SP, março de 1999.
- BAIÃO DE DOIS. *Eu lavo minhas mãozinhas*. Disponível em: <http://cantinho.especialdatiacris.blogspot.com.br/2010_05_20_archive.html>. Acesso em: 20. jun. de 2012.
- BAKHTIN, M./ VOLOCHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13.ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.
- _____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João, 2010b.
- CARDIM, L. N. *Corpo*. São Paulo: Globo, 2009.
- CORBIN, A. Prefácio à história do corpo. In: _____. *História do Corpo: da renascença às luzes*. Trad. Lúcia M. E. Orth. v.1. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2010a. p. 7-13.
- DEMONSTRAÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO FERNÃO DIAS PAIS. 1959.1 foto. p & b. 421 x 268. [anônimo] Disponível em: <http://portfoliocorp.blogspot.com.br/2011_05_01_archive.html>. Acesso em: 30 mai. 2012.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.L.; RABINOW, P. *Michel Foucault – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995. p. 231-249.
- _____. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

- _____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria T. da Costa Albuquerque. 18.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007a.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhe. 34.ed. Petrópolis: Vozes, 2007b.
- _____. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.
- _____. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Trad. Maria T. da Costa Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2010a.
- _____. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2010b.
- _____. *História da loucura*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. 9.ed. São Paulo: Perspectiva, 2010c.
- GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani et al. 3.ed. Campinas: Unicamp, 1997.
- LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Trad. Sonia M. S. Fuhrmann. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- OLIVEIRA, L. P. A. Violência, corpo e escolarização: apontamentos a partir da teoria crítica da sociedade. In: OLIVEIRA, M. A. T. de. (org.). *Educação do corpo na escola brasileira*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p. 57-69.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 3.ed. Campinas: Unicamp, 1997.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 5.ed. Campinas: Pontes, 2008.
- RAMOS, G. *Infância*. 17.ed. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- RIOS. *Evolução: a solução está na educação*. Disponível em: <<http://educacaoes.blogspot.com.br/2010/03/solucao-esta-na-educacao.html>>. Acesso em: Mai. de 2012.
- VEIGA-NETO, A. *Foucault e a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- VIGARELLO, G. Introdução. In: CORBIN, A.; COURTINE, J-J.; VIGARELLO, G. (org.). *História do Corpo: da renascença às luzes*. Trad. Lúcia M. E. Orth. v.1. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 15-18.